

## NIETZSCHE: “DA METAFÍSICA À UMA FILOSOFIA ESTÉTICA” OU “DA ‘SERIEDADE’ DOS FILÓSOFOS À INOCÊNCIA DO ARTISTA-CRIANÇA”

Benjamim Julião de Góis Filho  
PPGFIL – UFRN

### Resumo

O objetivo do presente artigo é refletir acerca da crítica de Nietzsche à metafísica, como também do deslocamento que a sua filosofia promove de uma perspectiva metafísica para uma perspectiva estética de ver o mundo. Ao contrário da interpretação Heidegger, para quem Nietzsche seria o último dos metafísicos, pretende-se, aqui, pensar Nietzsche como um intempestivo crítico da metafísica, como instaurador de uma compreensão de filosofia enquanto uma visão poético-conceitual acerca do mundo.

Palavras-chave: Nietzsche - metafísica – estética - Heráclito

Para Nietzsche, o conceito de metafísica está ligado a idéia de que há dois mundos: o inteligível e o sensível. Metafísica tem a ver com a dualidade do mundo e com a superioridade do mundo inteligível, verdadeiro (relacionado à idéia de razão) sobre o mundo da aparência. Metafísica tem a ver com a oposição de valores. Embora geralmente essa dualidade seja atribuída a Platão e depois ao cristianismo, na ótica de Nietzsche, quem primeiro pensou essa dualidade foi Anaximandro ao elaborar a oposição entre o *Ápeiron* e o mundo temporal (mundo de todas as coisas marcado pelo *devenir*). Ele seria o primeiro filósofo pessimista. O mundo do *devenir* é marcado pela morte, pela decomposição. O que caracteriza o *devenir* é o desaparecer. E se há a morte é porque há a culpa. Na leitura que Nietzsche faz de Anaximandro, segundo este último, haveria uma injustiça: se morremos é porque somos culpados.

Entretanto, Nietzsche escolhe Sócrates como um reconhecido entre os sábios, como um emblema para figurar essa dualidade. Quando Sócrates toma o veneno e pede que se ofereça sacrifício a Asclépio (deus da medicina) é um gesto de celebração de quem está se curando de uma doença que é a própria vida. Platão afirmava que a filosofia era uma preparação para a morte. Por isso, para Nietzsche, a filosofia, desde Sócrates ou mesmo antes dele (com Anaximandro) é a filosofia da decadência: tratou a realidade como dual (mundo inteligível e mundo sensível). O juízo de que a vida não tem valor era um sintoma dessa decadência.

Nietzsche se posiciona como uma espécie de psicólogo: quer interpretar, captar o sintoma. Nesse aspecto, para ele, toda filosofia é uma espécie de biografia. Toda teoria filosófica mostra quem a elaborou. Lê a filosofia como um sintoma. Convida-nos a olharmos Sócrates e Platão de perto. Observar o aspecto fisiológico do pensamento deles: constatar a sua fraqueza. O pensamento socrático-platônico é decadente porque a equação razão = virtude = felicidade = verdade = beleza não existia no mundo grego. A virtude não é a moral, mas tem a ver com o vigor. A virtude é fisiológica: virtuoso é o

que desenvolve ao máximo as suas potencialidades. Ser virtuoso é estar no máximo, e não, ser racional. Para Nietzsche, a razão é pensamento que demonstra sua verdade através de argumentos e isso tem a ver com a dialética socrática<sup>1</sup>. Ele responsabiliza Sócrates por introduzir na filosofia a necessidade de provar com argumentos lógicos o que se está afirmando. Entretanto, Nietzsche não acredita que argumentos lógicos provem alguma coisa. Enquanto que os pré-socráticos não desqualificavam outras formas de ver o mundo: a intuição, a religião, segundo Nietzsche, é a partir de Sócrates que outras formas de ver o mundo, além da razão, é desqualificada.

Para Nietzsche, o socratismo é a crença na razão. Crença em que só a razão é capaz de fundamentar a verdade, o conhecimento. Crença de que a intuição é incapaz de sustentar o conhecimento. Nietzsche vê em Sócrates essa nova forma de pensar que elege a razão, exclusivamente a razão, como possibilidade de conhecer. Há um desprezo pelo elemento místico e estético em nome de uma verdade exclusivamente racional. Sócrates “pecava” por sua excessiva lucidez, pelo seu excesso de perguntas.

Como destaca Fernanda Bulhões (s/d, p. 230):

Se Nietzsche fez de Sócrates um homem símbolo do “socratismo” foi porque, em sua ótica, ninguém mais e melhor do que Sócrates encarnou essa nova maneira de ser absurdamente racional. Sócrates, o “dialético superior”, o grande vitorioso dos combates teóricos altamente elaborados da época, foi o primeiro que não só dedicou sua vida a busca incessante do conhecimento como esse seu “desenfreado impulso lógico” foi a razão de sua morte.

No *Crepúsculo dos Ídolos*, mais precisamente em “O problema de Sócrates”<sup>2</sup>, Nietzsche traz à tona um Sócrates plebeu que age reativamente ao vencer a aristocracia pelo argumento. Sócrates ao aproveitar-se do espírito agonístico (de disputa) dos gregos, inventou um outro tipo de disputa: disputa da palavra. O corpo de Sócrates é fraco, e por isso ele precisa provar, preservar-se. O forte é o que se expande e não se preocupa em se preservar. Embora a necessidade de definir, demonstrar por argumentos o que se está se dizendo, tenha vindo na filosofia com Sócrates, este nunca demonstrou, sempre quis que os outros “parissem” a verdade.

No entanto, é importante salientar que a crítica elaborada por Nietzsche não é necessariamente a Sócrates, mas ao socratismo que tiranizava com a imposição da “verdade absoluta” que nega outras. Como afirma Bulhões (s/d, p. 233):

Não podemos deixar de constatar que Nietzsche facilmente nos deixa embaraçados, sem sabermos ao certo se está falando do homem histórico Sócrates ou do socratismo que ele representa. Vale notar que enquanto Nietzsche nos apresenta uma idéia determinada sobre quem é o “homem socrático” sobre o homem Sócrates não há uma palavra final.

<sup>1</sup> Dialética socrática: Argumentação que comprova ou destrói outra argumentação. Pergunta-se até que o interlocutor entre em contradição.

<sup>2</sup> Nos parágrafos 5 e 8.

Nietzsche se insurge contra o impulso à verdade do filósofo socrático-platônico-aristotélico. Para ele, o homem desenvolveu seu intelecto não porque este tendesse naturalmente ao conhecimento como queria Aristóteles no livro I da *Metafísica*, mas por sua vulnerabilidade e incapacidade de viver na natureza. Como salienta Nietzsche:

O intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com os chifres ou presas aguçadas. No homem, essa arte do disfarce chega ao seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das-costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater de asas em torno dessa única chama que é a verdade, é a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais inconcebível do que como pôde aparecer entre os homens um honesto e puro impulso à verdade. (1983, pp. 45-46)

O intelecto humano está aí não para desenvolver a verdade, mas para possibilitar a vida. Todo intelecto cria ilusão, artifício para tornar a vida possível. Portanto, todo homem profundo, reflexivo, ama a máscara, o disfarce. Apesar de seu orgulho, este sabe pouca coisa sobre si mesmo. O homem não é senhor na sua própria casa (limites do cogito cartesiano). E este homem vive em sociedade por necessidade e tédio. Necessita viver junto para criar ilusões, estabelecer acordo. E esse acordo se faz com e na linguagem. A verdade e a falsidade dependem do acordo, uma regra que possibilita a existência. Nietzsche não está minimizando a importância de se viver em sociedade, mas quer chamar a atenção para o fato de que a linguagem é invenção humana. Há uma distância entre as palavras e as coisas. O conceito é uma teoria discursiva.

Nietzsche quer trazer à tona o aspecto fisiológico da gênese (nascimento) da palavra. A linguagem, a palavra, não é a coisa em si. Vem primeiramente um estímulo nervoso que “capta” a realidade subjetivamente, produzindo uma imagem, que depois é “tornada” em palavra (som). Não há nada que garanta o ligamento, a continuidade entre a passagem da esfera neurológica à produção de imagem à produção de som (conceito). Há um abismo entre essas instâncias. A linguagem é uma manifestação neurológica, enquanto que o mundo do filósofo é o mundo do discurso, não é o do som ou o da imagem. Mas sim, o conceito é uma forma de identificar o não idêntico. Todo conceito nasce por igualação do não-igual.

Para Nietzsche, o conhecimento é construído pelo homem a partir de metonímias e metáforas, a partir de um deslocamento: 1º parte de uma sensação (a luz do sol, por exemplo): um estímulo nervoso; 2º uma imagem; 3º se diz: sol (o som, a palavra); 4º depois, elabora-se uma definição. E não há nada que garanta o elo entre o sol (a coisa-em-si) e o estímulo nervoso gerado pela sua luz. A linguagem nasce do corpo, de um estímulo nervoso e não da coisa-em-si. O discurso não diz o que é da ordem da realidade. Não há continuidade entre a palavra e a coisa. Não há, por exemplo, continuidade entre o som e a partitura. O som e a escrita são de esferas diferentes.

Dessa forma, o que é a verdade segundo Nietzsche?

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esquecem que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1983, p. 48).

Nessa ótica, o que caracteriza o pensamento de Nietzsche é o perspectivismo. Não há uma verdade que não passe pelo sujeito. Esse sujeito em Nietzsche não é o “ser humano”, mas cada indivíduo em sua percepção singular da realidade e não do universal. Não um olho sozinho, este está fixado em alguém. O olho é um aparelho da sensibilidade que percebe o que o sujeito singular quer perceber. Esse não é o sujeito de Kant, o ser humano universal. Tudo o que aparece, aparece dentro de um certo prisma, olhar. Logo, tudo é interpretação. Toda interpretação é uma possibilidade de verdade e não a verdade da coisa-em-si. Nietzsche valoriza o singular. A realidade não é tão evidente. Todo discurso científico é feito a partir de classificações, categorias, e por isso é arbitrário: as constatações são feitas a partir de princípios que mudam e não de princípios eternos. O problema é criar princípios que devem ser considerados verdadeiros em detrimento da falsificação de outros como não-verdadeiros, sendo que todos foram inventados por princípios humanos.

No texto “A ‘razão’ na filosofia”, Nietzsche faz críticas à filosofia como mumificação através dos conceitos. Acusa os filósofos de valorizarem tudo o que não tem sangue, o que não tem vida, faz uma crítica à metafísica que estabelece uma divisão entre o corpóreo e o anímico. Nietzsche valoriza o corpo, mas não o corpo como algo que deve ser visto em detrimento da alma. Para ele só existe o corpo, o histórico. Ele não nega o inteligível, apenas advoga que só existe o *devir* histórico. Daí a acusação de Heidegger de que Nietzsche inverteu o platonismo: negou o inteligível e erigiu o mundo sensível, valorizou o corpo e negou a alma.

Para Nietzsche, a filosofia ocidental tem uma visão pessimista do corpo: o corpo como não-ser, como um erro lógico. O corpo além de imoral é um erro lógico, uma vez que a metafísica estabeleceu a separação entre ser e vir-a-ser (*devir*). Pela lógica, refuta-se a percepção do corpo no pensamento ocidental. Mas só existe o corpo (*devir*). Como haver verdade sem o corpo? O corpo é que é real. Só há o mundo da aparência. O aparente em Nietzsche não é algo que esconde uma essência. Não há algo por trás dessa aparência. E o engodo da metafísica é fazer acreditar que os sentidos nos enganam. Por isso, toda a história da filosofia privilegia o pensamento em detrimento dos sentidos. Acreditar que o mais elevado não pode vir do “mais baixo” é característico da metafísica. É um erro da filosofia ocidental trocar a causa pelo efeito. E para Nietzsche, foi uma invenção de Anaximandro acreditar que todas as coisas vieram do *Ápeiron*. Na verdade, ele chegou ao conceito *Ápeiron* graças às demais coisas (as sensíveis).

No parágrafo 5 do mesmo texto (A razão na filosofia), Nietzsche destaca que o que nos faz cair no erro não são os sentidos, mas a linguagem que quer dar unidade ao múltiplo. Ele liga a metafísica à linguagem (razão). A linguagem é toda cheia de substancialismos: busca pela substancialidade, materialidade, dualidade. Há uma vontade de organizar, de definir territórios, localizar as coisas. Houve, na verdade, uma inversão tornada possível por Platão quando inventa o atemporal: uma realidade fora do

tempo, que não é a *physis* (natureza), já que para os pré-socráticos nada estava fora da natureza, inclusive o *Ápeiron* de Anaximandro (e nesse aspecto, este fato parece “salvar”, em parte, Anaximandro). Platão expulsa os artistas da cidade (*A República*) porque estes despertam a sensibilidade, que seria a responsável pela falta de retidão, de verdade. “Vingamo-nos da vida com a fantasmagoria de uma vida ‘outra’, ‘melhor’”. (NIETZSCHE, 2006, p. 29). Vingamo-nos da vida criando outra melhor, temos raiva desta vida porque ela mostra o transitório. Entretanto, como um artista é necessário ver beleza na ilusão criada pelo homem e essa ilusão não está em contraposição a uma verdade. Ser artista é criar sentido para a vida. Dizer “sim” a tudo, inclusive, ao sofrimento. Não é pessimismo, não é niilismo, é pensamento trágico.

Nietzsche critica a noção de que o conhecimento só pode ser fundamentado pela razão. Ele mostra a arte trágica como algo que “desvela” o mundo. Na sua ótica, Heráclito via o mundo de um modo estético. O caminho que leva o homem a ter contato com o mais fundamental é a arte. Se a filosofia tem um papel, este consiste em ensinar a ver o mundo como uma obra de arte. Se não há mais um Deus, não há mais uma transcendência, se já acabou todo o resquício de espiritualidade, o excesso de niilismo tem que passar. A última palavra de Nietzsche é superar o niilismo e dizer sim a vida. Chegou o meio-dia (o momento da criança-inocência), é o momento em que já não tem mais sombra, não há dualidade. É o apogeu da humanidade. Começa a história de Zaratustra: a fase da criança. (NIETZSCHE, 2006, p. 32).

Para Nietzsche os pré-socráticos “intuíam” (viam sem mediação) as coisas. Heráclito “negou a dualidade de dois mundos totalmente diferentes, que Anaximandro se via obrigado a admitir; já não distingue um mundo físico e um mundo metafísico, um domínio de qualidades definidas e um domínio da indeterminação indefinível” (NIETZSCHE, 1973, p. 40). Ele se contrapõe à idéia de Anaximandro de uma moralidade (se o mundo vai perecer é porque não é bom). O termo fundamental da filosofia heraclítica, segundo Nietzsche, é a noção de justiça (*Dike*). E o movimento está de acordo com a justiça que se dá a partir do *polemos*.

Neste mundo, só o jogo do artista e da criança tem um vir à existência e um perecer, um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual. E, assim como brincam o artista e a criança, assim brinca também o fogo eternamente ativo, constroem e destroem com inocência, e esse jogo joga-o o Eão consigo mesmo (NIETZSCHE, 1973, p. 49).

Para Nietzsche, Heráclito vê o mundo como uma brincadeira de criança (pré-moral). Não há valor moral, não há um “para quê”. O jogo de criança não tem finalidade. Enquanto adulto tem que saber a finalidade das coisas, a criança não. Para esta só há o momento, o instante (Eão). A criança é aquela que não está na moral. A forma de fugir na moral é não entrar nela: construir castelos na areia para nada. Não precisa haver um “para quê”. Nietzsche relaciona o artista à criança. O artista não é o que produz, mas o que percebe o mundo como um jogo, no sentido de brincar, não necessariamente no sentido de ganhar ou perder. Não existe no jogo dos contrários ganhador nem perdedor. Assim, a arte deve ser pensada como um modo de perceber o mundo. Percebê-lo como criança, sem os óculos morais. Não de modo racional: não existe erro nem acerto; não de modo moral, não há pecado, nem não-pecado. É

necessário acordar dessa tradição moralista e racionalista de querer ver finalidade, utilidade, racionalidade em tudo.

Nietzsche contrapõe o homem estético ao homem racional/moral. O homem moral vê o mundo a partir da perspectiva do certo e do errado, do bem e do mal. O estético vê o mundo como um jogo. Não quer demonstração lógica, é intuitivo. Enquanto o homem racional é cheio de estratégias de preservação, o estético não tem medo de se expandir: de viver ou de morrer. O racional se preocupa com o futuro, o estético se ocupa com agora, só olha o instante que é inocente, não pergunta “para quê”. Nessa perspectiva, o inútil é superior ao útil. O inútil é o melhor, é o que está a serviço de nada. Assim, deve ser pensada a filosofia. Ela não está aí para suprir uma necessidade técnica. Não está aí para coisa alguma. Enquanto que as tecnologias estão aí para suprir uma necessidade, ou seja, não são “boas” nelas mesmas, a filosofia não precisa ter uma finalidade: seja política ou de outra natureza. Se ela serve ou deve servir é para a vida.

### **REFERÊNCIAS**

BULHÕES, Fernanda Machado. O enigma de Sócrates: “O abismo mais profundo e a mais alta elevação”. Natal, s/d, pp.229-235;

NIETZSCHE, Friedrich. **A Filosofia na época trágica dos gregos**(1873). Tradução: Rúbens Torres Filho. In: Os Pensadores. Volume: Os pré-socráticos. São Paulo: Ed. Abril, 1973.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: **Obras incompletas**. Tradução: Rúbens Rodrigues Torres. São Paulo: Abril Cultural, 1983.